

A tradução de sentenças em linguagem proverbial e o diálogo com o pensamento bantu-kongo a partir de Bunseki Fu-Kiau

Tiganá Santana Neves Santos (USP)

Resumo: Esta pesquisa tem o intuito de fazer emergir um contexto teórico em que se contrastam estudos paremiológicos vigentes no Ocidente e outras chaves de pensamento, principalmente aquela que diz respeito ao pensar africano bantu-kongo, conforme apresentado pelo autor congolês Bunseki Fu-Kiau em seu ensaio *African Cosmology of the bantu-kongo: principles of life and living*, obra jamais traduzida para a língua-cultura (luso)brasileira. O principal meio de contato entre os distintos modos de pensar envolvidos no presente artigo dá-se através da tradução, seguida de comentários, do que cunhamos como sentenças em linguagem proverbial (*kingana*), registradas, originalmente, de modo bilíngue (língua *kikongo* – língua inglesa) no ensaio aludido. Desta forma, trazemos a potenciais leitores brasileiros uma tradução necessariamente vinculada aos referenciais de linguagem e pensamento ancorados na cultura bantu-kongo, um dos vetores constitutivos da cultura brasileira.

Palavras-chave: Sentenças em linguagem proverbial; Tradução; Bunseki Fu-Kiau.

Kala (etapa inicial visível; o que desponta)

No ensaio *African cosmology of the bantu-kongo: principles of life and living* (2001), o pensador congolês Bunseki Fu-Kiau¹ apresenta, de modo bilíngue (língua *kikongo* – língua inglesa), dezenas de sentenças em linguagem proverbial, ou *kingana*², como

1 Nascido em Manianga, no interior da atual República Democrática do Congo, no ano de 1934, Bunseki Fu-Kiau iniciou-se em três grandes escolas de pensamento tradicional *bantu* (*Lêmba*, *Khimba* e *Kimpasi*), assim como, mais tarde, ingressou numa relevante carreira acadêmica (nas áreas da Antropologia Cultural, Biblioteconomia e Educação), tendo, para tal, emigrado do seu país de origem em direção aos Estados Unidos. Desse modo, também teve acesso significativo ao sistema ocidental de pensamento

2 *Kingana* pode designar algo próximo do que cunhamos aqui como sentença em linguagem proverbial ou, ainda, filosofia em *kikongo*.

parte fundamental, no seu texto, para se adentrar o pensamento-cultura *bantu-kongo*, uma relevante manifestação do vasto e complexo pensar africano. Para o presente artigo, em que nos atemos à discussão, no que tange às diferenças e similitudes entre sentenças em linguagem proverbial (SLP)³ apontadas pelo escritor e os provérbios como descritos na paremiologia ocidental, e apresentamos a nossa tradução para três dessas SLP, traduzimos, livremente, o título da obra do referido autor como “Cosmologia africana dos *bantu-kongo*: princípios de vida e vivência”. À guisa de contextualização, a referida obra, como um todo, exprime, por parte de Fu-kiau (2001), o desejo de que determinados princípios do pensamento *bantu-kongo* sejam do conhecimento de uma maior quantidade de pessoas, inclusive no chamado “mundo ocidental”. Nos estudos brasileiros acerca de culturas e pensares africanos, bem como de descendência africana, manifestações do pensamento compreendido como *bantu* foram alijadas das principais realizações investigativas. Além de não haver, até então, nenhuma obra de Bunseki Fu-Kiau traduzida no Brasil, também, sobre o pensamento *bantu*, de modo geral, não havia nenhum texto traduzido, no país, até o ano de 2012. Nesse ano, uma tradução francesa da obra do missionário belga Placide Tempels foi fonte para que se trouxesse o texto para a língua-cultura (luso)brasileira, sob o título “A Filosofia Bantu”. Essa lacuna também existe em relação a várias outras autonomias culturais de origem africana. Diante dos limites emoldurados por um artigo, tratamos aqui de uma pequena parte do universo do pensar *bantu*, em virtude da sua histórica e efetiva aproximação com referenciais constitutivos do que se poderia chamar, grosso modo, de cultura brasileira. É sabido que a presença dos diversos *bantu* trazidos para o território brasileiro, entre cabindas, quiloas, rebolos, benguelas, macuas e outros, segundo a classificação dos traficantes de escravos, manifesta-se, comportamental e culturalmente, no país, inclusive na sua língua corrente. Termos como “çaçula”, “samba”, “bengala”, “moleque”, “cochilar”, “umbigo”, etc., tão naturalizados no que se escreve, lê e fala no Brasil, substituem palavras de origem portuguesa ou provenientes de outras raízes idiomáticas. Por tudo isso, não é o caso de pesquisarmos ou dialogarmos interculturalmente com um referencial de partida com o qual o contexto brasileiro não se relaciona. Ainda que Fu-Kiau (2001) tenha redigido o seu ensaio em língua inglesa, todo o seu alicerce *bantu* fez-se apresentar, sobretudo, nas seções dedicadas às sentenças em linguagem proverbial.

Trazemos a este trabalho alguns conceitos-chave de pesquisadores, tais como Maria Helena Albuquerque (1989), Martha Steinberg (1995, 2002) e António

3 Utilizaremos a sigla SLP, dado o uso frequente da expressão “sentenças em linguagem proverbial” no presente texto.

Fonseca (2008), da área dos estudos tradutológico-paremiológicos⁴ e de linguagem, a auxiliar-nos, principalmente, na distinção e aproximações do que sejam as sentenças em linguagem proverbial *bantu* apresentadas pelo autor e provérbios correntes na difundida “cultura ocidental”, a qual exerce, por razões históricas e sócio-hegemônicas, um papel formador oficial para o público receptor brasileiro.

Após algumas considerações e contrastes teóricos, fixamo-nos, mais pragmaticamente, em três SLP, a partir do ensaio de Fu-Kiau (2001), registrando-as consoante o autor as exibe na sua edição bilíngue (língua *kikongo* – língua inglesa). Em seguida, apresentamos a nossa tradução das respectivas sentenças para a língua-cultura (luso)brasileira. Tal tradução insere-se num contexto de comentários acerca do processo tradutório, propriamente dito, assim como de aspectos culturais ou princípios de pensamento relacionados, sobretudo, aos *bantu-kongo*.

Tukula (o cume; a etapa mais produtora de um processo)

Para iniciarmos a nossa análise, é necessário, antes, que tratemos do que possa vir a ser uma sentença em linguagem proverbial, segundo a nossa abordagem, contrastando-a com algumas conceituações relativas aos provérbios de acordo com outras leituras ocidentais.

Em sua dissertação de Mestrado, a pesquisadora Maria Helena Albuquerque (1989), a fim de examinar, pragmaticamente, o uso do que chamou de Enunciados Proverbiais (E.P.), apresentou uma relevante síntese de diversas abordagens paremiológicas propostas por teóricos do Ocidente. Antes mesmo de tal síntese histórico-conceitual, bem como das diversas denominações para o que ficou mais comumente conhecido como provérbio, a autora, com cautela, versou sobre a complexidade e dificuldade de se definir, estruturalmente, o objeto em questão:

Não é possível definir o que seja um E.P. da mesma forma como se procede em relação a muitos objetos de outras naturezas, isto é, apenas por via de uma sentença simples [...]

A natureza dos E.P. é multifacetária e complexa: não se presta a ser conceituada por frases que pretendam abarcar, de uma só vez, e subsumir, globalmente, todos os traços desses enunciados [...] Pode-se entretanto considerar que haja basicamente dois modos de definir um E.P.: o que os vê apenas como fórmulas autônomas, fora de qualquer contexto, e o que

4 A paremiologia, grosso modo, dedica-se ao estudo, sobretudo, dos provérbios.

os vê como fórmulas em contexto. O primeiro desses modos desdobra-se em dois outros: o que os define de forma mais intuitiva, valorativa e impressionista e o que os define analiticamente, observando, um a um, seus traços ou qualidades. O que há em comum entre esses dois modos é que ambos consideram o E.P. como fórmula autônoma, tal como esse figura nas coletâneas. (ALBUQUERQUE, 1989, p. 19).

É perceptível, entre diversos estudiosos, de uma maneira ou de outra, a investigação e análise dentro dos estudos paremiológicos, a enquadrar provérbios, adágios, chistes, máximas, ditados, estribilhos, etc., sempre no binômio forma-conteúdo, isto é, embora a autora considere as possibilidades acima para a definição dos provérbios, no múltiplo universo da paremiologia, há uma constante chave interpretativa assentada em como se estruturam as parêmiias e como a sua estrutura relaciona-se com o que é dito. Queremos dizer que os estudos proverbiais tendem a visualizar os provérbios, por exemplo, como fórmulas, lexias fixas, etc., e, por vezes, podem separá-los tematicamente; contudo, mesmo dirimidos por temas, a sua estruturação parece sempre fazer parte de qualquer estudo mais pormenorizado. Rememoremos o que afirmou Martha Steinberg (2002), quem publicou um vultoso trabalho que associa mais de mil provérbios ingleses e norte-americanos àqueles que considera seus “equivalentes em português”:

O provérbio propriamente dito tem características que o distinguem e que são de cunho estrutural e semântico.

Quanto à estrutura, o provérbio se caracteriza pelos mecanismos empregados, na sua maioria os mesmos utilizados em linguagem poética, tais como a rima, a assonância, a aliteração, o equilíbrio, a concisão, o paralelismo (fonético, morfológico, sintático), a elipse, a paranomásia, numa estrutura binária (simples, dupla ou tripla) de sintagmas correlatos. Amadeu Amaral (1948) lembra que o provérbio ‘quando não é puro verso é parente próximo deste, pelo ritmo e, muitas vezes, também pela rima’. Mostra também que qualquer linha divisória entre o provérbio e outras formas de ‘dizeres’ tradicionais do povo é meramente aproximativa, pois o próprio termo ‘paremiologia’, que se origina do grego **paroimía** = ‘restrito’, é contraditório, pois em lugar de restringir justamente engloba todas as variantes.

Quanto às características semânticas, o provérbio deve encerrar uma mensagem admoestadora ou conselho, e deve ser empregado metaforicamente. (STEINBERG, 2002, p. 10).

Outro ponto de complexidade, e que acarreta indefinições, diz respeito à designação do que seja um provérbio sob a perspectiva, propriamente, terminológica:

Para concluir sobre o problema de distinções entre os termos que podem recobrir os enunciados dos quais tratamos, reafirmamos que a maioria dos autores concorda com o fato de que os limites entre esses termos são efetivamente difíceis de determinar; podemos ir mais longe dizendo que a distinção entre os enunciados genericamente designados por sentenças proverbiais ou provérbios é, a rigor, impossível de ser estabelecida. (AL-BUQUERQUE, 1989, p. 34).

Optamos pelo emprego de “sentença em linguagem proverbial”, na nossa pesquisa, por reconhecermos as dimensões amplas, quer no espaço referencial de partida, quer no de chegada, daquilo que se tornou mais difundido, especialmente no Ocidente, sob a denominação de provérbio. Mesmo o pensador Fu-Kiau (2001) utiliza-se, frequentemente, do termo provérbio (*proverb*), no seu processo de tradução de *kingana* para a língua inglesa, assim como, eventualmente, utiliza-se da locução “linguagem proverbial” (*proverbial language*) para determinadas análises. Da nossa parte, o uso de SLP (sentença em linguagem proverbial), em lugar, é fruto da identificação de distinções e aproximações entre *kingana* que o autor apresenta e os provérbios. Ressaltamos que essa adoção terminológica é fruto da nossa reflexão e experiência tradutória relativas a obras e excertos textuais de Fu-Kiau (1994, 2001, 2006).

Podemos observar que diversas SLP, em seu conjunto, representam, entre os *bantu-kongo*, uma espécie de “linguagem de especialidade” – de acordo com o que se diz, correntemente, na área da Terminologia – codificada e, por vezes, sagrada:

O provérbio é uma entre as fontes mais importantes que melhor explicam o Muntu⁵ africano e seu pensamento. Nos debates, nas cerimônias, nos julgamentos, na alegria, assim como no sofrimento, os provérbios são frequentemente usados para repreender, criticar, comparar, segregar, encorajar, punir e curar. São usados para ensinar, explicar e, meticulosamente, codificar e decodificar [kânga ye kutula].

Para os africanos, os provérbios constituem uma linguagem especial. Às vezes, para muitos, eles são considerados uma linguagem secreta e sagrada na sua comunicação, donde a expressão “fale em linguagem proverbial” [zônzila mu bingana] é usada dentro da comunidade para impedir o vazamento de princípios muito fundamentais da sociedade, isto é, para impedir o forasteiro de examinar o debate e acessar quaisquer conceitos sistêmicos básicos da

5 O termo *Muntu*, em língua *kikongo*, com variantes, tais como *mutu* e *ntu*, em outras línguas *bantu*, e, mesmo na referida língua, vem a significar, sucintamente, “ser humano” ou “pessoa”. Esta expressão requer bastante atenção e reflexão, devido a sua importância e complexidade.

organização estrutural da sociedade, especialmente os seus segredos. Certa vez eu estava falando a uma audiência de mais de trinta intelectuais, e um amigo me passou, através dela, algo escrito que dizia, “Nesses locais, fale superficialmente; não cave o fundo das coisas” [Ta mayulu-yulu mu bèndo bia mpila yâyi]. Os africanos são muito sensíveis ao que toca suas bases conceituais. (FU-KIAU, 2001, pp. 93-94)⁶.

O autor ainda complementa:

Embora os africanos gostem de falar em linguagem proverbial, eles também reconhecem que o uso dessa linguagem bastante filosófica é perigoso e mesmo mortal. Em razão do perigo apresentado por essa linguagem, deve-se entender, perfeitamente, o sentido do provérbio que se usa, pois um kingana diz “Wata ngana bângula ngana kadi Na Kimbônga-ngana wafwila mu ngana” – literalmente, “Saiba a explicação de qualquer provérbio que você utiliza, pois o senhor ‘Proverbista’ morreu sobre o provérbio que utilizou”. Pode-se ser condenado pelo que se diz. (FU-KIAU, 2001, p. 94).

As SLP, em geral, não parecem destacar-se da linguagem comum, em função, principalmente, de determinadas características semântico-formais, diferentemente do que afirma Albuquerque (1989), por exemplo, assim como podemos encontrar em tantas correntes dos estudos paremiológicos ocidentais:

As parêmiias, locuções sentenciosas ou enunciados proverbiais (2), por sua forma e conteúdo, possuem, efetivamente o dom de se sobressair do *continuum* lingüístico que representa dada realização de fala, de se destacar desse *continuum*, de captar a atenção, de modo insinuante. (ALBUQUERQUE, 1989, p. 17).

Parece-nos ser a SLP destacável, no tocante aos *bantu-kongo* e a tantas outras acepções africanas, em contexto oral (vale ressaltar), devido a sua força, simultaneamente, ancestral e circunstancial, uma vez evocadas certas combinações de palavras-frequência. Aquilo que Steinberg (1995, 2002) chamou de “formas estereotipadas de introdução”, tais como “É como se diz”, “Como já diziam os antigos”, “na minha terra se costuma dizer”, etc., atribuindo aos provérbios a característica de as terem originado, é, segundo afirma Fu-Kiau (2001), algo de suma relevância; o que ancora e catapulta a enunciação duma SLP. Isso quer

6 Todas as traduções presentes neste artigo, a saber, as traduções referentes ao texto de Fu-Kiau (1994, 2001), são da nossa responsabilidade.

dizer que a SLP não dispõe de uma estrutura fixada numa fórmula ou não deve, necessariamente, ser sempre metafórica, como no caso dos provérbios, segundo correntes dos estudos paremiológicos. A SLP sobressai-se em relação à linguagem cotidiana – como o fazem os provérbios – e, de fato, é, usualmente, uma manifestação de comunicação com significativo poder de síntese. Sua aplicação também tem cunho filosófico, de aconselhamento ou ético, muitas vezes, como no caso dos provérbios, , mas pode, além disso, ser utilizada, oficialmente, nas instâncias jurídicas ou para explanações científicas. É preciso destacar certas especificidades culturais e de pensamento que dizem respeito a outra cosmovisão que não aquela a receber a leitura do texto traduzido em questão. Uma sentença em linguagem proverbial não se restringe à ideia de provérbio, máxima, anexim, aforismo, princípio, entre outros. Trata-se, com efeito, de determinada asserção, necessariamente, manifesta/expressa, na maioria das vezes, dita, com força de evocação, conclusão, iniciação, argumentação, etc., que versa sobre assuntos diversos e dispõe, via de regra, de soberania e reconhecimento público na comunidade. Digamos que a SLP marca-se por uma linguagem própria que desenha o mundo com os enleios do seu *modus operandi* e o preenche com o seu pensar/figurar/comunicar igualmente próprio. Nesse sentido, é válida a sua comparação ao poema, conforme fizeram alguns estudiosos da paremiologia entre provérbios e versos. Devemos ponderar que o uso do vocábulo “linguagem”, na acepção das SLP, não implica a sua manifestação neurológico-cognitiva, mas a codificação de tudo o quanto seja alcançado pela razão, sensação ou qualquer vivência humana, seja ela tangível ou intangível. O escritor e pesquisador António Fonseca (2008), para apresentar SLP tradicionais de Angola, as quais listou, tematicamente, em seu “Contos de Antologia” – tal qual Fu-Kiau (2001) – escreveu:

Os mais velhos falaram assim:

– Se pelas canções e pelos contos tu não podes (aprender), deixa-te instruir pelos provérbios; o provérbio não sai do nada; o provérbio não é um tolo que o cita. (FONSECA, 2008, p. 85).

Essa citação proverbial, precedida pela ancoragem dos “mais velhos”, é um claro exemplo da importância dada pelos *bantu* e africanos, em geral, à presença e ao assentimento dos ancestrais. Estes (os ancestrais) salvaguardam, na vivência e memória da comunidade, a legitimidade da SLP. Ademais a SLP, alicerçada no conjunto de ancestrais de um povo, representa um princípio caro aos *bantu* e africanos relativo ao que é criado, concebido e veiculado coletivamente:

Em virtude da incorporação desse conceito de outros antes de si mesmo, a expressão cotidiana Bântu tende a eliminar o uso subjetivo e egoísta do “eu” quando se lida com questões sociais importantes. Prefere-se construir o pensamento sobre a base “ancestral”, a saber, base histórica e de tabu, o conhecimento e experiência acumulados: os ancestrais em sua experiência disseram ou o passado diz [Bakulu bata ngana] ou [Bambuta bata ngana]; de acordo com a lei dos ancestrais [Ngana yata bambuta]; os donos espirituais do país disseram [Símbi bia nsi vo]; conformemente à lei oral, às constituições tradicionais [Lândila fu-kia-nsi]; as práticas, normas, valores, padrões e sistemas do país não dizem isso [Kisinsi ka kitèle bo ko] etc. Todas essas são expressões jurídicas, legais e sentenciosas utilizadas principalmente em declarações públicas, ou para encaixar o próprio pensamento na estrutura de padrões e valores sociais, mas também para evitar culpabilidade antes da lei e da condenação pública por egoísmo. Não existe criação fora do povo. Uma pretensa criação individual, de acordo com o pensamento Kôngo, é uma mentira e um crime social: criações são trabalhos coletivos por serem pensamentos acumulados do povo [Mpângulu mayîndu mantotikisa]. Elas germinam de ideias coletivas. É preciso observar que a época em que os provérbios foram criados [tându kiatewa ngana] compreende um vasto período histórico a transpirar antes da colonização; um período em que o Muntu africano era capaz de criar e pensar livremente. (FU-KIAU, pp. 78-79).

Por seu turno, o carácter circunstancial e relativo da enunciação da SLP vivifica e dá sentido ao legado ancestral. Se é possível aplicar-se uma SLP em situações hodiernas relevantes, é porque “os mais velhos” sempre foram os guardiães do saber. Esse é um dos motivos por que não são todas as pessoas, dentro da comunidade, que proferem essas sentenças. Aquelas pessoas que o fazem devem conciliar a responsabilidade de enunciar algo que faz parte do bem público antepassado com a habilidade e inteligência de contextualizá-lo, precisamente, em certas situações:

... Na verdade, a utilização profunda dos provérbios não acontece por mero acaso; ocorre em circunstâncias em que seja necessário constituir verdadeiras teses capazes de sustentar um ponto de vista, contrapor-se a outras, igualmente sustentadas por provérbios, ou buscar consensos e justificar as soluções encontradas para as questões em discussão. Por este facto e apesar de os provérbios poderem aparecer nas conversas do dia-a-dia, não são utilizados habitualmente por qualquer pessoa, muito embora estas os conheçam sem carácter sistémico, pelo que, quando os usam, é em circunstâncias menos engajantes [...] Embora muitos autores já tenham dito que existem provérbios para este ou para aquele fim, é nossa opinião que tal deve ser relativizado, pois, mais do que isso, mais do que terem uma única finalidade, a especificidade do provérbio prende-se com a oportunidade

da sua utilização no contexto da questão que esteja a ser tratada, da tese ou ponto de vista que se pretenda sustentar ou a que se queira contrapor. O que vale é, sobretudo, a habilidade da apresentação e a ponderação das circunstâncias para o uso do mesmo, que devem levar a que os presentes no acto participem da conclusão da enunciação do provérbio, o que significando atenção, conhecimento e participação plena, significa sobretudo o reconhecimento social da existência do provérbio em questão e a aceitação do preceito nele contido ... (FONSECA, 2008, p. 81).

Por fim, a ideia de a SLP reunir, usualmente, determinados termos “resonantes”, na sua conformação, os quais chamamos aqui de palavras-frequência, é advinda de um dos fundamentos mais importantes, entre os *bantu*, e que se faz presente em toda a vida das pessoas nas várias comunidades: o princípio de ondas e radiações (*minika ye minienie*) em contexto de sua recepção e transmissão (*tambula ye tambikisa*). A partir de Fu-Kiau (2001), podemos perceber o grande significado desse princípio para os *bantu-kongo*:

A vida é fundamentalmente um processo de comunicação constante e mútua, e comunicar-se é emitir e receber ondas e radiações [*minika ye minienie*]. Esse processo de receber e liberar/transmitir [*tambula ye tambikisa*] é a chave para o jogo de sobrevivência do ser humano. Uma pessoa é constantemente banhada pela carga das radiações [*zitu kia minienie*]. A carga [*zitu/demo*] das radiações pode ter um impacto negativo ou positivo sobre qualquer pequeno ser, por exemplo, uma pessoa, que representa o “kolo” (nó) mais vibrátil das relações. (FU-KIAU, pp. 113-114).

A sentença em linguagem proverbial, que se encontra num lugar especial no processo de comunicação, é, por sua vez, a depuração do conhecimento de trocas de ondas e radiações no ato da enunciação de certas palavras (com ressonâncias pretéritas dos antepassados e atuais para as diversas circunstâncias). Há uma “energia” que não é proveniente da sonorização das palavras ou dos significantes, mas aquela que evoca toda uma maneira de referir-se à existência, uma cosmologia e cosmograma (*Dikenga dia Kôngo*) inerentes e, sobretudo, a crença num efetivo poder de realização. Há também o reconhecimento de que se trata de um princípio sistêmico, apenas (de)codificado por aqueles que compartilham certa forma de experienciar a linguagem e ser/viver culturalmente, qual podemos interpretar em Fu-Kiau (2001, p. 11): “Um entendimento sistêmico, portanto, é possível apenas se alguém pode experimentar e sentir a beleza da radiação [*n’nienzi a minienie*] da língua que gera a cultura em questão.”

***Kingana* ou sentenças em linguagem proverbial (SLP):**

Queremos salientar que as SLP listadas abaixo não foram selecionadas com base em critérios de maior ou menor relevância, mais ou menos dificuldades no processo tradutório, etc. Escolhemos três sentenças que, de algum modo, ao que nos parece, “falam” e se podem aplicar em situações distintas numa comunidade *bantu-kongo*. Evidentemente, não refutamos os parâmetros subjetivos, insondáveis e/ou do plano das preferências estéticas para que aqui tenhamos tais *kingana*. Consideramos serem as seguintes SLP, e suas respectivas traduções, em verdade, um conjunto profícuo para o que nos propomos a discutir ao longo desta pesquisa.

<i>Kingana</i>	Tradução de Bunseki Fu-Kiau para a língua inglesa	Nossa proposta de tradução
1. <i>Kânda i (mbúndani a) bafva ye bamôyo.</i>	<i>The community is the union of the ancestors and of the living people.</i>	A comunidade são os mortos e os vivos.
2. <i>Kolo diakânga ngânga, kutula ngânga; variante 1 = Kolo diakânga mvisikânda, mvisikânda kutula dio; variante 2 = Kolo diakânga mvisikânda, kutula mvisikânda.</i>	<i>A code (knot) from a specialist should be decoded by a specialist (of the system = kimpa, fu).</i>	Nó de especialista, especialista desata; variante = Nó atado e desatado por especialista.
3. <i>Muna Kôngo: Vo kughânga ko, kudia ko.</i>	<i>In Kôngo society, if you don't do, you don't eat.</i>	Entre os Kôngo: Se não se faz, não se come.

É possível perceber que Fu-Kiau (2001) apresenta, na prática, mais de uma atribuição no seu resultado tradutório: a que diz respeito, propriamente, à tradução entre as línguas e aquela que parece ocupar-se com alguma explicação do conteúdo (e contexto cultural) presente na SLP. Tal dupla atribuição pode ser notada ao longo de todo o ensaio e acompanha a preocupação de um autor africano contemporâneo que, apercebendo-se da hegemonia (ainda atual) do pensamento ocidental com proporções efetivamente mundiais, quer “evitar tendenciosos erros grosseiros de ontem.” (FU-KIAU, 2001, p. 10).

A SLP 1 – *Kânda i (mbúndani a) bafva ye bamôyo* – traz um curioso complemento, em sua composição, que nos leva a deduzir haver uma espécie de intervenção explicativa de Fu-Kiau (2001) ainda na sua língua de origem. A presença de *mbúndani a*, entre parênteses, conduz-nos, com risco, à ideia de uma aproximação com o que a maior parte dos “ocidentais” entenderia. O autor acrescenta termos

explicativos em outras SLP ao longo do seu ensaio. Um exemplo ainda mais claro do que afirmamos aqui pode-se encontrar na SLP *Nzâmbi mu kânda (kena) – God (exists) in the community*. Se a traduzirmos, com alguma literalidade (caso concedamos, teoricamente, que seja possível), da língua inglesa, poderíamos ter “Deus (existe) na comunidade”. Entretanto, se considerarmos, na língua *kikongo*, a supressão (conforme os parênteses parecem sugerir) bastante usual de alguns verbos como no caso do verbo ser/estar (*kala*) com sentido de existir – cuja flexão para o que conhecemos como terceira pessoa do singular dá-nos a forma *kena* – teríamos *Nzâmbi mu kânda* = “Deus na comunidade” ou “Deus dentro da comunidade”, o que, quiçá, pudesse trazer uma codificação semântica e um caminho sintático que os “não-especialistas” de outras culturas não estariam aptos a decifrar; e esse não parece ser o objetivo do autor ao escrever e publicar a obra a que nos reportamos na presente pesquisa.

Se regressarmos à SLP 1, verificaremos, na sua tradução para a língua inglesa, a incorporação já naturalizada dos termos *mbúndani a*. Temos, então, *The community is the union of the ancestors and of the living people*, donde *mbúndani a* teria a sua correspondência em *the union of*. Ao traduzirmos o que nos mostra Fu-Kiau (2001), em língua inglesa, podemos ter “A comunidade é a união dos ancestrais e das pessoas vivas”, ou ainda, variavelmente, “A comunidade é a união entre os ancestrais e as pessoas vivas”. Seguimos um caminho tradutório que visasse a nos aproximar, segundo a nossa compreensão, do que pudemos absorver das SLP em seu universo linguístico-cultural originário. cremos ser esse um caminho que dá mais sentido ao nosso trabalho do que se nos ocuparmos de uma tradução mais ligada às bases de pensamento e léxico provenientes da língua inglesa. Alicerçados nessa escolha tradutória, sugerimos, para a SLP 1, uma tradução que contatasse a concisão e a força de síntese presentes em sua exibição na língua-cultura de origem, uma vez considerados aspectos pensados e redimensionados acima. Eis, deste modo, o que propomos: “A comunidade são os mortos e os vivos”, relacionando tal tradução, diretamente, a *Kânda i bafiva ye bamôyo*. No que se refere à substituição do termo “ancestrais” por “mortos”, fizemo-lo por entendermos, mais uma vez, como explicativa a utilização do vocábulo – *ancestors* – pelo autor. *Bakulu* é um dos termos mais adequados para “ancestrais” ou, especificamente, aqueles espíritos das pessoas que, como enfatiza Fu-Kiau (2001), “fizeram história”. *Bafiva* – termo em sua forma plural – designa “mortos” em geral. Contudo, entre os *bantu-kongo* e muitas civilizações africanas, nem todos os mortos têm a mesma jornada. A língua *kikongo* é bastante cautelosa com tais especificações, por isso ressaltamos essa distinção. Por essa razão, também, somos levados a interpretar o emprego do termo pelo autor como, implicitamente, explicativo.

Para traduzir, para a língua inglesa, a SLP 2, percebemos que Fu-Kiau (2001) utilizou-se de mais complementações explicativas na referida língua de chegada. Ao apresentar a sua resolução tradutória da SLP 2, o autor traz o termo *kolo* em dupla significação, a saber, *code* (código) e *knot* (nó). Acrescentaríamos, ainda, o tempo, como um terceiro significado para a palavra *kolo*, associado, a partir do verbo-raiz *kola*, a “um estado de ser, um nível de força num dado período de tempo.” (FU-KIAU, 1994, p. 21). Com base no que foi afirmado, o fato é que a ideia e imagem de nó, enquanto um código que se pode decifrar, num dado período de tempo, por um especialista, isto é, um *ngânga*, despertou-nos a atenção, por assim dizer, estética para a manifestação de um pensamento sobre algo. Mais uma vez, procuramos ser, segundo o nosso entendimento, sintéticos no resultado tradutório. Apresentamos, diferentemente da tradução do autor, ao menos, duas possibilidades de tradução que nos pareceram adequadas, tendo em vista que Fu-Kiau (2001), para esse caso, registrou duas variantes, na língua *kikongo*, da mesma SLP. O “bônômio” *kânga* - *kutula* (atar/codificar – desatar/decodificar), presente em todas as variantes da SLP 2, motivou-nos a traduzi-la como segue: “Nó de especialista, especialista desata”; variante = “Nó atado e desatado por especialista”. A fim de destacarmos, mais uma vez, certa “força” estética e de pensamento (também caracterizada pela configuração concisa), não seguimos os passos explicativos do autor, no que se relaciona a esclarecer a que sorte de especialista a mencionada sentença se reporta. Na sua tradução, Fu-Kiau (2001) nos diz: *A code (knot) from a specialist should be decoded by a specialist (of the system = kimpa, fu)* – Um código (nó) de um especialista deve ser decodificado por um especialista (do sistema = *kimpa, fu*). Quiçá o fato de a palavra *mvisikânda* – a qual designa o conjunto humano dos membros de uma comunidade ou sistema – estar presente nas duas variantes da SLP 2 oriente-nos quanto a compreendermos um pouco melhor a ideia de especialista “de um sistema”; ideia que nos soa cara à tradução do autor.

A SLP 3 se refere a um antigo princípio fincado culturalmente entre os *bantu-kongo* – especificamente, entre os *bakongo*⁷. Todos os membros da comunidade devem ser especialistas (*ngânga*). Por essa razão, temos o verbo *keghânga*, com o sentido de fazer, realizar ou especializar-se na realização de algo. Os verbos

7 Em Fu-Kiau, *bakongo* pode dizer respeito ao povo (trata-se de um dos grupos *bantu* do continente africano; grupo do qual o autor é originário) e, por se tratar de um dos mais difundidos e vastos grupos entre os *bantu*, representa, por vezes, a síntese dos vários segmentos do pensamento e do “comportamento” *bantu* como um todo, como também pode designar a forma plural de *n'kongo* ou *mukongo* (diferentemente de *muntu* [pessoa], *n'kongo* ou *mukongo* é o ser humano, estritamente, segundo o modelo ético-cosmológico *bakongo*).

kughânga (fazer) e *kudia* (comer) manifestam-se na sua forma “impessoal” – de acordo com o que diz a norma da língua-cultura (luso)brasileira – e esse foi um fator relevante para que traduzíssemos a sentença com certa inclinação impessoal: “Entre os Kôngo: Se não se faz, não se come”. Queremos assinalar o tempo de pausa que o autor figura com o emprego dos dois pontos na SLP em língua *kikongo*. Buscamos resgatá-los, na nossa tradução – a despeito de o autor não o ter feito na língua inglesa – por atribuírmos à figuração de pausa utilizada por Fu-Kiau (2001), mesmo que esta não pertença à gramática da língua-cultura de origem, alguma importância ao se enunciar/entoar a asserção, em *kikongo*, isto é, ao se emitirem determinadas ondas e radiações (*minika ye minienie*). O nosso intuito, com isso, foi o de chamar a atenção para tal, guardadas as diferenças de frequências entre as línguas e culturas envolvidas no processo tradutório.

Eis, evidentemente, a breve mostra de um caminho de tradução, entre tantos outros. Procuramos, aqui, assumidamente, vincular este traduzir às considerações de pensamento, cultura e língua, no que tange aos referenciais de partida e chegada constitutivos da nossa pesquisa.

3. Luvemba (considerações finais)

As sentenças em linguagem proverbial, a depender do olhar que as circunscreve, são portais possíveis para que se possa acessar a antiga cosmovisão *bantu-kongo*:

Deve-se entender que um provérbio, para os africanos e aqueles de literatura basicamente oral, não é visto e compreendido da maneira com que o mundo ocidental o vê e compreende. Para nós, em razão da ausência, no passado, de material para se escrever, provérbios são princípios, teorias, armazéns de conhecimento, livretos, informações gravadas e, sobretudo, têm “force de loi”, força de lei, em circunstâncias jurídicas. Um tribunal sem *provérbios* (traduzidos aqui como documentos, juridicamente, legais e referenciais) pertence aos mortos [Mbasi-a-n’kanu yakôndwa bingana ya bafwa], conforme diz um provérbio/passagem constitucional (legal) Kôngo. (FU-KIAU, 2001, p. 113).

Para a nossa pesquisa, é, de fato, importante que sejamos, minimamente, sensíveis à existência de diferenças entre provérbios (e variantes), assentados nos estudos da paremiologia, e o que chamamos, ao longo deste artigo, de sentenças em linguagem proverbial (SLP) – numa tentativa de aproximação com o que se exprime entre os *bantu*, filosoficamente, na linguagem, conceito ou configuração

de *kingana*. Pretendemos, assim, contribuir para que não se endosse o desconhecimento ocidental de alguns fundamentos culturais – e mesmo cosmológicos – presentes no continente africano.

Traduzir SLP representa, efetivamente, para nós, um exercício de pensar o outro, e, em paralelo, uma moção de reconhecimento desse outro na nossa corporeidade cultural, na tentativa (aspiramos a concretizá-la em alguma medida) de se ultrapassar certos conceitos estereotipados da presença de tal alteridade no nosso universo geral “de identidade(s)”.

As discussões acerca da temática que abordamos devem ser “complexificadas” e têm uma grande trilha de descobertas, associações, desmistificações e redimensionamentos pela frente. Os estudos brasileiros (para além dos estudos sociais, os quais, em relação aos assuntos africanos e afrobrasileiros, protagonizam, há algum tempo, o cenário investigativo e nos permitiram avançar nas temáticas negras), podem contribuir, substancialmente, para o enriquecimento de um processo, potencialmente, transformador e, realmente, dialógico com diversas filosofias africanas, especialmente, se forem incluídos, por exemplo, os estudos de linguagem, das matemáticas, biológicos e/ou artísticos.

Referências bibliográficas

- ALBUQUERQUE, M. H. T. *Um exame pragmático do uso de enunciados proverbiais nas interações verbais correntes*. 1989. 169 f. Dissertação (Mestrado em Filologia Românica) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo.
- FONSECA, António. *Contos de antologia: reflexões, contos e provérbios*. Luanda: INALD, 2008.
- FU-KIAU, Kimbwandende kia Bunseki. *African cosmology of the bantu-kongo: principles of life and living*. 2. ed. Nova Iorque: Athelia Henrietta Press, 2001.
- _____. *Simba simbi: hold up that which holds you up*. Pittsburgh: Dorrance Publishing Co. Inc., 2006.
- _____. “Ntangu-tandu-kolo”. In: ADJAYE, J. K. *Time in the black experience*. Westport: Greenwood Publishing Group, 1994. Vol. 2, pp. 17-34.
- STEINBERG, Martha. *1001 provérbios em contraste: ditados ingleses e norte-americanos e seus equivalentes em português*. São Paulo: Nova Alexandria, 2002.
- _____. “Provérbios e tradução”. In: *TradTerm*, São Paulo, Vol. 2, pp. 59-65, 1995.